

## **“Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade”: vida sexual na terceira idade**

*"Love without sex is friendship. Sex without love is desire": sex life in old age*

Mirela Berger

**RESUMO:** O artigo versa sobre sexualidade na terceira idade. Trata-se de um estudo comparativo entre as classes "A" e "D". O objetivo central do artigo é enunciar o seguinte paradoxo: por um lado, a sexualidade na terceira idade tem sido afirmada e valorizada na construção da autoestima feminina; por outro, pode não só culpabilizar a mulher que não conseguir aderir a ela, bem como produzir uma nova homogeneização do “ser velha”, associado agora com o bom gerenciamento da sexualidade.

**Palavras-chave:** Terceira Idade; Sexualidade; Corpo Feminino.

**ABSTRACT:** *The article deals with sexuality in old age. This is a comparative study between classes "A" and "D". The main objective of this paper is to state the following paradox: on the one hand, sexuality in old age has been affirmed and valued in the construction of feminine self-esteem, on the other, can not only blame the woman who can not adhere to them, as well as produce a new homogenization of "being old" now associated with the proper management of sexuality.*

**Keywords:** *Elderly; Sexuality; The Female Body.*

Este artigo é uma sistematização de alguns dados sobre a percepção do erotismo e do sexo em mulheres da terceira idade. Trata-se de uma pesquisa comparativa, pois entrevistei mulheres que participam da academia de ginástica Cia Atlética, situada no Shopping Morumbi; em especial, de um programa voltado para a Terceira Idade que é o programa Platinum, e também mulheres que participam do projeto Afro Mix, e de um grupo de convivência, ambos situados no Centro Natália Rosembeg, situado na periferia do bairro Campo Limpo, na cidade de São Paulo (SP).<sup>1</sup> No total, entrevistei 36 mulheres<sup>2</sup>.

Convivi com muitas delas, em todos os *locus* pesquisados. Assim, além de um roteiro de entrevistas semidirigidas e da gravação e transcrição de todas as entrevistas na íntegra, contei também com os fiéis escudeiros de quem se lança na pesquisa de campo: o velho e bom Diário de Campo; a sempre eficaz observação-participante e, sobretudo, o olhar atento de quem tenta ler nas entrelinhas... As entrevistas ocorreram sempre nos locais frequentados pelas mulheres, pois acredito que é mais fácil falar de temas como corpo em academias de ginásticas ou nas aulas do Afromix, pois é o corpo que está em evidência nesses contextos.

Havia um roteiro de perguntas, mas que era flexível de acordo com a mulher entrevistada, quando elas me davam maior liberdade para falar de sexualidade e investia mais nesta temática; caso contrário, procurava conversar sobre ginástica, vaidade e a percepção do envelhecimento. Muitas vezes, as entrevistadas fugiam do tema proposto, e passavam a evocar o passado, as reminiscências vinham à tona, aspectos comuns nas pesquisas com idosos. Nestes momentos, eu deixava que falassem livremente, até que encontrasse um “gancho” para voltar aos temas de meu interesse. Todas as entrevistas estão transcritas na íntegra e todos os nomes trocados para garantir o sigilo das informações.

Embora não seja possível uma descrição cuidadosa dos cenários observados, cabe uma observação antes de entrarmos no tema da sexualidade propriamente dito, pois esta revela aspectos interessantes. Trata-se do vestuário das mulheres entrevistadas.

---

<sup>1</sup> A Cia Athética é uma academia de luxo, cuja mensalidade está acima de R\$ 400,00. Já o projeto Afro Mix é um projeto popular, voltado para mulheres pobres e que consiste em coreografias nos ritmos axé, forró e sertanejo. O grupo da Cleusa é um espaço de sociabilidade, onde as mulheres fazem atividades como coral, ouvem palestras, debatem temas e participam gratuitamente de um programa de ginástica oferecido pela faculdade privada Uniban.

<sup>2</sup> A) 10 mulheres do Programa Platinum: Sushine (73anos); Hortênsia (70); Tulipa (60); Begônia (75); Jasmim (65); Miosótis (69); Energia (72); Jasmim (65), Dior (80) Pandora (66)= 10; B) 07 mulheres da Cia Athética: Estrela (65); Serena (60); Solar (60); Fortaleza (64); Sol (62); Bruma (68); Mar (69)= 07; C) 08 mulheres do Grupo da Cleusa: Turquesa (64); Rosa (83); Frida (74); Perséfone (66); Esperança (74); Mel (81); Lembrança (76); Luar (76); =8; D)09 mulheres do Afro Mix: Orvalho (60); Petúnia (70); Iasmim (65); Crisântemo (78); Claire (70); Isolda (73); Shiraz (73); Afrodite (75); Fogo (60) = 9; E) 02 mulheres “avulsas”: Margarida (66), Girassol (95).

O padrão básico de vestuário é *shorts* ou bermudas com camiseta para os homens. Não são perceptíveis grandes diferenças entre idosos e jovens: ambos procuram usar roupas de grife; a grande diferença é que os mais jovens optam por camisetas mais justas, que marquem mais o corpo, e os mais idosos preferem as mais largas. Já as mulheres usam *shorts*, bermudas ou calças de lycra e *tops*, preferencialmente de grife. Tanto para homens quanto para as mulheres parece vigorar uma regra implícita: quanto mais “malhado” o corpo estiver, menor pode ser o tamanho das peças e mais justa a camiseta, que, no caso das mulheres, é totalmente dispensável (a mulher “malhada” prefere usar só *top*, quando muito uma camiseta justinha).

De início, imaginei que as roupas das mulheres mais velhas seriam diferentes das mais jovens, mas isso não é totalmente verdadeiro, depende de alguns fatores: 1. Como já foi citado, a aparência corporal é que define as roupas; então, a regra é a mesma tanto para as jovens quanto para as idosas, quanto mais “em forma” o corpo estiver, é preferível adotar o padrão *legging*, *top*, blusinha justa e até macacão; se, pelo contrário, o corpo estiver menos em forma, é preciso disfarçá-lo com camisetas mais largas. É interessante que as senhoras estão por dentro da moda e, quando estão com o corpo em forma, não hesitam em adotar, por exemplo, os macacões da grife “Garota Carioca”. Tais macacões possuem decotes muito profundos, às vezes nas costas e cós bem baixo, o que obriga o uso de calcinhas estilo “fio-dental”. São coloridos, como os de padronagem de “oncinha”, “zebra”, “dragão”, “Havaí”... Não dá para passar despercebida com eles, e jovens e idosas, em forma, desfilam com eles pela academia.

Há uma grande diferença visível a olho nu entre as mulheres acima de 60 anos que frequentam o programa Platinum e as que não o fazem. A categoria “velha” só foi usada por uma entrevistada; todas as outras mulheres, sejam do Programa Platinum, da Cia Athética, do Grupo da Cleusa e do AfroMix, a rejeitam veementemente e se afirmam jovens por dentro, e exigem ser chamadas de “senhoras bem conservadas” ou “mulheres maduras”. Isso se deve a três pontos valorizados por elas: a adesão à ginástica; o manejo da vaidade e a manutenção de uma vida sexual ativa.

Oliveira (1976) mostrou que a identidade social tem um conteúdo de comunicação, uma vez que supõe relações sociais e um código de categorias para orientar o desenvolvimento dessas relações. A identidade social é, assim, dimensionada no contexto das relações sociais, consistindo de formas de classificação que organizam as inter-relações de indivíduos e grupos. Ela supõe a noção de grupo social, uma vez que se afirma por oposição e não isoladamente; o caráter contrastivo da identidade baseia-se em valores vivenciados pelos indivíduos em interação. Como

representação, uma identidade qualquer aparece como uma opção e uma escolha dentro de uma gama de outras possíveis.

Nesse mesmo sentido, Barros (2006) afirma que pensar na velhice em termos de identidade social permite perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma autoatribuição concomitante da identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade. No entanto, na prática, este esquema teórico sofre variações, pois a identidade sofre, ela própria, valorações por parte dos grupos e/ou indivíduos em interação social, e as características a ela atribuídas são também bem ou mal valorizadas (Barros, 2006).

Talvez por isso se explique o fato de que a juventude interna, citadas pelas minhas entrevistadas, tem seus matizes, e é bem marcada entre as mulheres do Platinun e as da Cia Athética, no geral. As primeiras adotam um estilo mais discreto, usam mais camisetas, embora ainda adotem roupas de lycra; parece-me que, ao aderirem a um projeto eminentemente voltado para idosos e idosas, incorporam esta identidade e a vinculam a uma etapa da vida em que, embora jovens por dentro e até por fora, devido ao “pique” para as atividades, devem valer-se de uma certa discrição. Como as roupas comunicam mensagens simbólicas, estas mulheres, ao vestirem-se para a “malhação”, tentam expressar ao mesmo tempo uma consciência da idade e do que se julga apropriado, ou não, para elas, mas sem perder parte do espírito jovem. Não querem se confundir com as mulheres da faixa etária de 30 a 50 anos, mas também não querem parecer “velhinhas”, como me disse Energia, de 72 anos, “abrigo de moletom eu não uso, é coisa de velha”.

Já as “outras” mulheres, de fato, se constroem, até na aparência, como “as outras”. Não aceitam de modo algum a identidade de “velhas” e se recusam a fazer qualquer atividade associada ao Programa Platinum. Como afirmou Barros (2006, p.131), “é importante perceber como as diversas identidades de cada mulher entrevistada são acionadas, de acordo com o momento em questão e dentro das possibilidades que ela pode assumir”. Para Estrela (65 anos), Solar (60 anos), Fortaleza (65 anos), Sol (62 anos), a identidade de “idosa”, foi pensada e posta em construção pela pesquisa. Elas nunca haviam parado para pensar se já estavam na terceira idade. Em vários momentos, como quando questionadas se tinham medo do processo de envelhecimento, responderam que nunca tinham parado para pensar nisso... Em alguns momentos, senti no ar um misto de tensão e medo, simplesmente porque ao eu escolher entrevistá-las e ao elas aceitarem, elas próprias se colocaram numa faixa etária de mulheres idosas que não havia ainda sido significativa em suas percepções de si mesmas. Fortaleza diz que se sente tão jovem que, quando pede meia entrada no cinema, fica feliz de ter que mostrar a identidade, porque não acreditam que ela tenha 65 anos. Estrela disse-me que se sente tão jovem que “dá de 10 a zero em qualquer mocinha”, mas

que a entrevista a fez pensar sobre suas rugas e que ela teria que conversar com a analista... Solar é magra e muito definida e, aos 60, usa roupas mais provocantes do que eu para “malhar”, mas na entrevista perguntou-me se não estava exagerando. Para estas mulheres, que não se permitiram “enquadrar” em nenhum programa de idoso, a identidade de “idosa” parece mais fluída, sendo negada nas roupas, nas atividades físicas e acionada apenas quanto podem deixar o carro com o manobrista (o serviço é gratuito para todos acima de 60 anos), pagar meia entrada no cinema etc.

Já no Centro de Convivência Natália Rosemburgo, a diferença é sensível. O grupo que Cleusa coordena é um grupo misto; parte das mulheres vão apenas às atividades por ela coordenadas; outras seguem para a Uniban, que oferece um programa gratuito de atividade física. Desse modo, as roupas variam bastante: as que fazem ginástica usam moletom e camiseta, mas nada que se pareça com as roupas usadas pelas mulheres da Cia Athética. Optam por roupas mais folgadas e, por uma questão de classe social, as compram no comércio popular do Campo Limpo. As que não vão à ginástica, abusam das estampas grandes e coloridas. O que mais chama a atenção são os adereços: brincos grandes, tiaras no cabelo, broches, xales, lenços. Quase todas pintam os cabelos e usam maquiagem forte; só as evangélicas dispensam esses itens e usam vestimenta e acessórios discretos. Já o espaço onde ocorre o Projeto AfroMix também difere totalmente da Cia Athética. Enquanto a segunda tem amplas quadras fechadas ou abertas, o centro Natália Rosemberg conta com um pequeno pátio, com uma arquibancada de madeira e um tablado, que é usado por vários grupos, inclusive, pelos professores do AfroMix. As aulas ocorrem todas as quartas e sextas, das 9:30 às 10:30h. As próprias participantes chegam mais cedo, às 8:30h e fazem um mutirão: varrem o espaço, arrumam a arquibancada, montam e testam o som, organizam tudo para os professores. Estando frio ou calor, às 9:00h, o espaço começa a ser preenchido por mulheres, em geral com calça legging, tênis ou algum outro sapato confortável e camisetas largas, algumas com estampas do projeto afro mix. Trazem consigo garrafinha com água e toalhinha para enxugar o suor. Começam com um leve alongamento e depois vêm as coreografias de sertanejo, axé, funk, forró e outros ritmos.

Uma vez esboçada parte dos cenários, podemos agora ver como os atores, no caso, as mulheres idosas, falam sobre sua vida conjugal e sexual.

## Desejo, amor e sexo

### Introdução

Sexualidade já é um tema que levanta polêmicas por si só. Quanto associado a mulheres acima dos 60 anos, ainda tem uma áurea de “tabu”. Parece algo proibido, que deve ficar entre quatro paredes e nunca ser revelado, ainda mais para uma mulher de 40 anos, desconhecida e que diz estar fazendo um pós-doc... “*Há, sei, é trabalho da faculdade. Agora tão querendo saber disso?*”. Esta foi a frase que ouvi inúmeras vezes, e lia no semblante das mulheres um misto de indignação e curiosidade. Que queiram saber da falta de políticas públicas, de como a saúde vai de mal a pior, ainda mais para o idoso, de como há poucos lugares de lazer, de como o idoso não tem oportunidades de um novo emprego, tudo bem. Mas da minha vida sexual? Isso não tem cabimento! Declarada ou velada, era a opinião consensual e a resistência foi muito grande.

É compreensível, pois; de fato, as ciências sociais no Brasil só recentemente têm voltado atenção às interfaces entre gênero, sexualidade, cuidados com a aparência e a temas correlatos no que se refere aos idosos. A maioria dos trabalhos, como ressalta Barros (2006), focam no assistencialismo, nas perdas e na violência sofrida pelos idosos. A autora salienta a falta de pesquisas de campo para a coleta de dados entre idosos, ressaltando que os homens idosos despertam maior interesse do que as mulheres idosas, na medida em que se percebe a aposentadoria do homem como um momento crucial, que o retira da esfera pública e o lança na esfera privada, ao passo que a mulher, mesmo quando esta trabalha, está sempre vinculada à esfera doméstica; dessa forma, a aposentadoria não seria tão marcante para elas do que para eles.

No entanto, tal teoria não se sustenta, ainda mais entre mulheres das classes populares, pois estas sempre trabalharam fora e o momento da aposentadoria significa uma mudança abrupta que requer um redirecionamento da vida: ou a mulher se fecha de vez no mundo privado e nas palavras das entrevistadas, “*fica velha e deprimida*”, ou ela vai procurar espaços de sociabilidade.

Se a velhice em geral e a velhice da mulher são temas “apagados”, imagine quando a temática é sobre a sexualidade. A sexualidade aparece de forma marginal, em trabalhos interessantes, como o de Motta, *Velha é a vovozinha* (1998), que aborda a faceirice em um grupo de idosas da LBV, ou o de Alves, *A dama e o cavalheiro* (2004) que, ao trabalhar com bailes de terceira idade, tangencia a sexualidade. Na UNICAMP, a *Revista PAGU* tem desenvolvido trabalhos sobre esta temática.

Neste trabalho, a sexualidade é o núcleo central, tanto no seu sentido mais estrito, das relações sexuais-afetivas entre parceiros, seja nos seus desdobramentos, pois acredito que a vaidade, o cuidado de si, os momentos de intimidade consigo mesma, também sejam parte da sexualidade feminina.

Embora esta pesquisa seja de cunho qualitativo, acredito que alguns números podem nos auxiliar na reflexão. Entrevistei 36 mulheres, todas com 60 anos ou mais, e destas, que disseram ter vida sexual ativa, temos: - 11 mulheres da Cia Atlética (4 do programa Platinun; e - 7 da Cia Athética que não aderem ao programa); - 2 mulheres no grupo da Cleusa; - 2 mulheres que trabalham no centro de convivência;- 4 mulheres do Afromix, totalizando 19 mulheres.

### ***Sexualidade e Identidade***

Como salientei no item interior, falar de sexualidade não é uma tarefa fácil.

No entanto, desde Foucault, em especial, nos três volumes da *História da Sexualidade*; sabemos que ela é um importante dispositivo de ordenação do mundo e da constituição de sujeitos. Em *A vontade de saber* (2010), Foucault afirma, logo no início da obra, que o que lhe parece essencial

é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de certa felicidade estão ligados entre si. (Foucault, 2010: 14).

Ele refuta a tese de uma “hipótese repressiva” sobre a sexualidade e conclui que esta tese não se sustenta, e que, em vez de um discurso repressivo sobre o sexo, o que se constituiu a partir da Idade Moderna foi uma “Vontade de Saber”. Diz ele:

*Ora, uma primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação de sexualidades poliformas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou em construir uma ciência da sexualidade (...) Daí decorre também o fato de que o ponto importante*

*será saber sob que formas, através de quais canais, fluindo através de quais discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas” (Foucault, 2010, pp.18-19).*

Foucault define sexualidade da seguinte maneira:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a incitação ao discurso, a intensificação dos prazeres, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. (2010, p.117).

É importante frisar que, para o teórico, “o regime de poder-saber-prazer sustenta, entre nós, o discurso da sexualidade humana” (2010, p.17).

Esta afirmação e as anteriores são importantes para a nossa discussão porque muitos autores contemporâneos, críticos, ou não, de Foucault, vão enfatizar a importância da sexualidade na contemporaneidade.

Começemos por Giddens (1993), crítico de Foucault. Veremos rapidamente os pontos de tensão entre ele e Foucault e passaremos em seguida ao que mais nos interessa, que é a importância que Giddens confere à sexualidade.

Giddens (1993) salienta que, para Foucault, a invenção da sexualidade foi parte de alguns processos distintos e formadores das instituições modernas, que dependeriam do controle meticuloso das populações através do tempo e do espaço. Tal controle foi gerado por uma “anátomo-política do corpo humano”, que, por sua vez, seria um aspecto central do biopoder. Segundo Foucault, teria acontecido a emergência de um “mecanismo da sexualidade”, uma “administração positiva do corpo e do prazer”. Para Foucault, a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder.

No entanto, afirma Giddens (1993, p. 34):

É difícil, senão impossível, compreender estas questões se permanecermos na posição teórica geral desenvolvida por Foucault, em que as únicas forças impulsionadoras são o poder, o discurso e o corpo. Por isso, aceitamos os seus

argumentos sobre as origens sociais da sexualidade, mas vamos situá-los em uma estrutura interpretativa diferente. Foucault colocou demasiada ênfase na sexualidade em detrimento do gênero sexual. Silenciou quanto às conexões da sexualidade com o amor romântico, fenômeno intimamente vinculado às mudanças na família. Além disto, sua discussão da natureza da sexualidade permanece em grande parte no nível do discurso – e, nesse nível, as formas mais específicas de discurso. Finalmente, deve-se colocar em questão a sua concepção do **eu** em relação à modernidade. (negrito do autor).

Para Giddens (1993), a questão da reflexividade é fundamental: ele fala em reflexividade institucional, projeto autorreflexivo do eu e reflexividade quanto ao corpo e a sexualidade. Quanto à primeira, ele afirma que a expansão da reflexividade institucional é uma característica distintiva das sociedades modernas, em virtude de fatores tais como: maior mobilidade geográfica; os meios de comunicação de massa extraíram elementos da tradição da vida social que há muito tempo resistiam ou se adaptavam à modernidade. Para ele, a contínua incorporação reflexiva do conhecimento não apenas se introduz nas brechas; ela proporciona um ímpeto às mudanças que ocorrem nos contextos pessoais e globais da ação. Complementa ele:

Na área do discurso sexual, os textos que informam, analisam e comentam a sexualidade, na prática, são de muito mais longo alcance em seus efeitos do que aqueles abertamente propagandistas, que recomendam a busca pelo prazer sexual. Entretanto, o mais importante é que o avanço de tais pesquisas assinala e contribui para uma aceleração da reflexividade das práticas sexuais habituais, cotidianas. (Giddens, 1993, pp. 36-40).

Giddens (1993) considera que Foucault, em vez de considerar o eu como sendo construído por uma “tecnologia específica”, deveria considerar que a autoidentidade torna-se particularmente problemática na vida social moderna:

As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter ‘aberto’ da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio à uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revista. (Gidens, 1993, p. 41).

Esse processo reflexivo que se aplica ao eu aplica-se também ao corpo e à sexualidade, pontos que nos interessam diretamente, pois, como veremos, as mulheres por mim entrevistadas estão “negociando” consigo próprias e com vários “outros” – outras mulheres, marido, namorado, filhos e filhas - os sentidos de sua identidade que passa pela construção de uma aparência e de um corpo, passa pelo exercício da sexualidade ou pela renúncia a esta; enfim, vemos em vários discursos como a sexualidade é negociada, repensada, ressignificada, inclusive por mulheres casadas que não têm mais vida sexual no sentido do ato sexual em si, mas que se sentem sexualizadas nas condutas com o parceiro e no bom manejo de seu corpo e mente.

Outro autor que nos auxilia a pensar a sexualidade contemporânea é Bozon (2004). Ele se pergunta o que um ponto de vista sociológico pode acrescentar à sexualidade e responde afirmando que a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana:

E, como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as ‘incorpora’ e as representa. Assim, na maioria das sociedades, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também da ordem das gerações. (Bozon, 2004, p.14).

Mais à frente, ele volta a insistir na relação entre sexualidade e subjetividade:

Nas sociedades que elaboraram um domínio da intimidade e dos sentimentos pessoais, a sexualidade tornou-se uma das experiências fundamentais para a construção da subjetividade e da relação consigo mesmo. (Bozon, 2004, p. 95).

Percebi claramente entre minhas entrevistadas, em especial entre aquelas que mantêm vida sexual ativa, dois pontos interessantes: por um lado, elas valorizam muito o fato de serem sexualmente ativas, inclusive na percepção do próprio processo de envelhecimento; mas, por outro, por uma questão nitidamente geracional, são tímidas quanto ao assunto, pois fazem parte de uma geração em que o sexo, tanto na prática quanto no discurso, era um “tabu”. Este segundo aspecto

aparece também nas falas das mulheres viúvas, que são bem reticentes em falar de sexualidade e mais ainda de pensar na possibilidade de novos parceiros. As mulheres separadas são as mais libertas quanto ao exercício da sexualidade, inclusive fazendo uso de produtos de sex-shop.

De todo o modo, a idade é um fator importante no que se refere ao comportamento sexual. Um pouco na linha do que Giddens (1993) afirmou, juntamente com um projeto reflexivo do eu, que procura entender o que é ser uma mulher envelhecendo, e que não tem uma resposta unívoca, cada mulher também reflete sobre sua sexualidade atual e passada. Enquanto umas se sentem mais livres e realizadas sexualmente na terceira idade, ressaltando as melhorias advindas com a maturidade; outras refletem que o sexo foi algo que ficou no passado e que deve ser assim mesmo; afinal, “estão com muita idade para se preocupar com isso”.

Ainda tentando entender as especificidades sexuais de nosso tempo, Bozon (2004) afirma que:

A emergência de uma subjetividade e de um sujeito modernos foi acompanhado pela autonomização de um domínio da sexualidade distinto da procriação. Assim, as trajetórias e as experiências sexuais, amplamente diversificadas nos dias de hoje, tornaram-se um dos principais fundamentos da construção dos sujeitos e da individualização. (Bozon, 2004, p.17)

Pensando no universo pesquisado, gostaria de comentar alguns pontos dessa afirmação de Bozon. Primeiro, a separação entre sexualidade e procriação é fundamental no comportamento sexual atual. Mesmo entre mulheres mais jovens, a pílula anticoncepcional, a entrada da mulher no mercado de trabalho, ressignificou em muito o exercício da sexualidade. No caso das mulheres por mim entrevistadas, que têm 60 anos ou mais, muitas já criaram os filhos, podem dedicar-se mais a viver a vida a dois, viajar para outros estados e países. Concordo, portanto, plenamente com a primeira afirmação. Na verdade, também concordo que as experiências sexuais estão hoje mais diversificadas, inclusive na terceira idade; em muitos depoimentos há casos de mulheres mais velhas que namoram homens mais jovens e não têm nenhuma intenção de casar; algumas, inclusive, terminaram os namoros porque os pretendentes insistiam em coabitar; outras descobriram o orgasmo nesta fase da vida e buscam o prazer de um modo que não faziam quanto tinham 30 anos ou menos; outras descobrem a sexualidade fora do casamento.

No entanto, novamente a questão da geração se faz muito presente aqui. As mulheres por mim entrevistadas nasceram entre 1930 e 1950, com exceção da mais velha, que nasceu em 1916. Tomando 1940 como uma possível média e levando em conta que, nessa época, as mulheres

casavam-se muito jovens e, muitas vezes, com o primeiro namorado, nenhuma delas participou do que se convencionou chamar de revolução sexual dos anos 60 – hoje contestada, segundo Bozon (2004), por algumas correntes<sup>3</sup>. Dessa maneira, fazem parte de uma geração mais conservadora; inclusive as mulheres menos favorecidas economicamente foram orientadas a se casarem virgem, a serem pudicas diante do sexo, a cederem às vontades dos seus parceiros, evitando tomar a iniciativa sexual. Discretamente, elas falam que não viveram muita variedade sexual, “era só papai e mamãe mesmo” (referência à mais tradicional das posições sexuais), “era no escuro, com a luz apagada”... São falas de mulheres para as quais a sexualidade era, sim, importante, mas não era o eixo de construção da identidade. Esta última estava muito mais relacionada a ser uma boa esposa, mãe e cuidadora do lar e não tanto à vivência das pulsões sexuais.

Um aspecto interessante que esta pesquisa desvelou é que se a sexualidade é mesmo um eixo central na construção dos sujeitos e da individualização, dois pontos devem ser balizados em um universo pesquisado com mulheres mais velhas: 1. Que o sentido de sexualidade deve ser ampliado para outras partes como o cuidado corporal, a construção da feminilidade, a boa gestão do lar, as “competências femininas” em manter o parceiro e não apenas circunscrita ao ato sexual; 2. Que para metade do universo pesquisado, a vida sexual, longe de se encerrar com a terceira idade, começa, justamente com ela. A maturidade pode ser o momento propício para redescobrir a sexualidade, vivenciá-la de uma forma mais livre e segura.

A partir de agora, vamos acompanhar as falas das mulheres por mim entrevistadas e o que elas têm a dizer sobre desejo, amor e sexo na terceira idade.

### ***Amores maduros: mulheres casadas***

Saber se a entrevistada era casada era um ponto bastante importante, porque ele abriria portas para falar da sexualidade, muito embora muitas mulheres casadas já não tenham mais vida sexual com seus maridos.

De início, eu perguntava à entrevistada se era casada; em seguida, se tinha vida sexual. Aqui registro apenas mulheres com vida sexual. Vejamos algumas falas:

---

<sup>3</sup> Bozon (2004) afirma que, a respeito das mudanças sexuais das últimas décadas, coexistem dois discursos contraditórios, qualificados ambos de “revolução sexual”. O primeiro discurso enfatiza que a sexualidade contemporânea foi denunciada, na medida em que levaria ao nomadismo sexual dos indivíduos, à tirania do prazer e do desejo, à permissividade e à promiscuidade. A autoafirmação das mulheres, que não saberiam mais ficar em seu lugar, nem tampouco respeitar os papéis naturais dos homens, provocaria sua “desvirilização”. O segundo discurso lê positivamente as transformações contemporâneas e percebe nelas uma revolução sexual que, finalmente, consagra o direito ao prazer, à liberação das minorias sexuais e à igualdade sexual entre mulheres e homens no quadro de um acesso generalizado à contracepção.

Berger, M. (2012, dezembro). “Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade”: vida sexual na terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(8), pp.127-154. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

*“Eu sou casada já há 50 anos, eu me casei com 17 anos e tive meu primeiro filho com 18 anos, estou feliz até hoje, meu marido está com diabete, mas graças a Deus ele está ativo, não é mais como era antes que tinha relação 3, 4, 5 vezes na semana, mas uma vez por semana, pelo menos, ele é presente, nós temos idade também, eu tenho 75, ele tem 75, mas eu tô ótima! Nós ainda dormimos na mesma cama.”* (Begônia, 75, Platinum)

*“Meu casamento foi assim, 25 anos que a gente possa dizer, bem vividos, com 4 filhos... mas, apareceu o quinto filho que foi fora do casamento... aí eu descobri que eu não estava feliz sexualmente com ele. Mas como dizem, ‘Há males que vêm para bem’ porque me fez surgir outra mulher, uma outra pessoa, com vontades, com desejos que não tinham aparecido até então....”* (Sol, 66, Cia Athética)

*“Eu sou viúva duas vezes e vai fazer 18 anos que eu sou viúva do segundo marido, e eu tenho um companheiro há doze anos, só que ele não mora comigo, eu moro cá e ele mora lá, ele faz tudo pra morar comigo... ele é mais novo do que eu... Ele tem 48 anos. Eu tenho 75.”* (Afrodite, 75, Afromix).

Para a maioria das mulheres entrevistadas, casamento é assunto para a vida toda, e pela idade das mulheres e de seus maridos, já aconteceram bodas de prata e de ouro. São mulheres nascidas nas décadas de 30, 40, 50 no máximo, que tiveram educação católica ou evangélica e que, desde pequenas, aprenderam com a família, sobretudo com a linhagem materna, que casamento é algo muito sério, que só termina com a morte de um dos cônjuges ou em virtude de algo muito sério – em geral uma traição, a descoberta de um filho fora do casamento – do contrário, faz parte do projeto de vida destas mulheres viver com o companheiro escolhido “por toda a minha vida”, nas belas palavras de Vinícius de Moraes.

Elas ainda não fazem parte da geração descrita por Giddens (1993), que vivenciaria “amores fluídos” ou “amores confluentes”.<sup>4</sup> No entanto, creio que as mulheres aqui citadas, e mesmo aquelas que se tornaram viúvas ou separadas, enquadram-se no que ele chamou de “amor romântico”, que começou a marcar sua presença a partir do século XVIII e que, embora tenha utilizado elementos do “amour-passion”, diferiu deste, pois o segundo era mais marcado pela urgência, pela vontade de os amantes se retirarem da vida cotidiana para viver em êxtase, enquanto que o segundo era marcado pelo “romance”, que, embora incorpore elementos do “amour-passion”

---

<sup>4</sup> Ou seja, estariam com seus parceiros, enquanto os interesses fossem confluentes, e estivessem de acordo com os projetos individuais. Neste tipo de amor, as trocas de parceiros seriam mais possíveis e, segundo Giddens (1993), é essa forma de amor que caracteriza as sociedades modernas.

como a liberdade, estava mais voltado à constituição de uma vida conjugal a longo prazo. Segundo o autor, nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. Segundo ele, a ideia de romance, no sentido que o termo veio a assumir no século XIX, tanto expressou quanto contribuiu para as mudanças seculares, afetando a vida social como um todo. Continua Giddens (1993, p. 53):

O surgimento da ideia do amor romântico tem que ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII. Um deles foi a criação do lar. Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, o que alguns chamaram de ‘a invenção da maternidade’. No que dizia respeito à situação das mulheres, todos eles estavam muito intimamente interligados.

Bozon (2004, p. 56) comenta que a abertura contemporânea das possibilidades em matéria de sexualidade não diz respeito apenas ao novo funcionamento conjugal nem às sexualidades alternativas, referindo-se também à diversificação e individualização das trajetórias conjugais e afetivas e o declínio da regulamentação sexual por meio de princípios absolutos. Segundo ele,

O período em que os sujeitos permanecem sexualmente ativos aumentou, em virtude tanto de uma precocidade maior durante a juventude, quanto de um prolongamento da atividade sexual em idades mais avançadas (...) Assim, as mulheres, cada vez mais numerosas, experimentam com frequência aquilo que se pode chamar de relacionamentos amorosos estáveis sem partilhar a vida em comum, o que as levam a praticar uma distinção bem nítida entre sexualidade e conjugalidade.

### ***“Amores sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade”: vida sexual na terceira idade***

Após um preâmbulo que versava sobre casamentos e filhos, chega a hora fatídica: tenho que perguntar às mulheres se elas têm vida sexual. Vejamos algumas respostas:

*“Eu estou sem namorado há cinco anos, então eu não tenho feito, mas eu sinto falta, eu gostaria de ter, mas eu sempre tive uma vida sexual muito ativa; meu último namorado tinha 38 anos, atrapalhou um pouco, porque era a mesma idade*

*dos meus filhos, então eu não podia namorar abertamente; ele aparecia em casa como amigo, e eu não pude curtir muito, mas a gente viajava, eu saía escondida com ele.”* (Fortaleza, 64, Cia Athética).

*“Eu conheci neste meio tempo um italiano, ele mora fora, mas quando ele vem é assim, tudo de bom! É o único homem que eu conheço além do meu marido. Quando ele vem para o Brasil, aí é tudo de bom, e como eu sou meio “espelecuti”, eu tenho sempre mil fantasias, eu invento coisas, então eu estou sempre pronta, eu acho que a gente sempre tem que estar... a vida sexual nossa, depois dos 60, eu acho que é como uma plantinha, se você não regar sempre, se você não estiver estimulando sempre, desaparece aquele desejo, aquela vontade, então você tem sempre que estar sendo estimulada, você fazer sua parte e o parceiro também colaborar.”* (Sol, 62, Cia Athética).

*“É boa a vida com meu marido, graças a Deus. A gente ainda dorme junto, ele é meio assanhadinho [ela ri]. Com 64 anos é pior do que os novos. Dá no couro, se dá!”* (Perséfone, 66, Cleusa).

*“Eu tenho relacionamento sexual com outra pessoa, com um namorado que eu tenho. Ninguém sabe! E é muito, muito, muito, muito bom, química total, são três, quatro orgasmos seguidos!!! Maravilhoso, maravilhoso, não tem coisa mais gostosa na vida do que uma vida a dois, com orgasmos. Ele é seis anos mais novo do que eu [tem 60 anos]. É uma química maravilhosa, é muito bom, maravilhoso, eu queria que todas as mulheres tivessem orgasmos. A gente se descobriu porque ele era infeliz no casamento dele, no relacionamento tudo bem, tanto quanto o meu, mas sexo também não existia, a esposa não gosta, odeia sexo, e ele não tem necessidade de deixar de gostar de uma coisa que é tão boa, tão importante para a saúde do ser humano.”* (Margarida, 66, entrevista avulsa).

Pergunto a ela se a vida sexual melhorou agora e ela diz enfática:

*“Melhorou, na terceira idade melhorou, para mim melhorou! A gente se deu muito certo! Uma vez eu tive orgasmo na coxa dele! Na perna! Fazia muito tempo que a gente não se encontrava, aí a gente se encontrou, ficou fazendo muito carinho, muito carinho, eu tive orgasmo na perna dele, na coxa, não precisou de penetração.”* (Margarida, 66, entrevista avulsa).

Outras mulheres também salientam a importância de manter relações sexuais:

*“Então, eu tenho uma vida sexual ativa, meu namorado nunca reclamou. Não é sempre, não é todo dia, porque não é todo dia que ele está comigo. Me sinto à vontade, tenho um sexo normal. Eu tenho uma amiga que diz: ‘Deus me livre de sexo’ porque ela um dia teve sexo e sentiu muita dor, ‘eu não sou doente, eu falei para ela, eu sou normal. Não sou como uma jovem de 18, 19 anos não, muda muito o organismo da gente, mas é normal.”* (Afrodite, 75, Afromix).

*“Ah não, minha fia, eu não parei com o sexo, não. Eu tenho medo, negócio de doença, minina, nossa, isso aí é o maior perigo, viu, porque esses home, eles sai com tudo quanto é muié e depois, ele tá carregado, pega de outra muié e depois passa pa gente. Teve um cara que trabaia aí no posto de gasolina, né, aí eu saí com ele uma vez, mais aí eu usei camisinha. Eu saio pa rua, passia, aí se pinta alguma pessoa que eu vejo que dá a gente usa camisinha. Mais tem três meses que eu num saio com ninguém. Sabe o que eu fiz pra me quebrá o gaio porque não encontra ninguém, eu fui no sex shop. Aí, eu comprei um vibrador, desse tamanho assim, tá em casa, na hora, se, se me apertá, minha fia, eu me viro, lubrifica ele e aí beleza pura, quebra um gaião viu, oh!”* (Fogo, 60, Afromix).

Percebemos que, entre as mulheres casadas há décadas, o sexo diminuiu, porém não acabou, fato que elas comentam com entusiasmo. Em outros momentos da entrevista, percebi que, para elas, manter relações sexuais com os maridos era primordial por vários aspectos e interferia até na percepção da idade, pois, como há todo um discurso que coloca mulheres idosas como assexuadas, o fato de se manterem ativas sexualmente as tornava mais jovens para si próprias.

O sexo na maturidade é visto por elas como algo natural, mas que ao mesmo tempo, precisa ser cultivado, justamente porque o “fogo” dos primeiros anos de casamento já se apagou e é preciso, constantemente, “soprar as brasas” para que ele reacenda. Não que elas vejam o sexo como obrigação, mas percebem sua importância para manter o parceiro. Há nas falas a ideia de competência e talento para manter o sexo em atividade, e uma sutil referência às habilidades da mulher neste sentido.

Já para as que se separaram e estão vivendo uma nova paixão, como é o caso de Sol, Fortaleza, Bruma e Margarida, ou de Afrodite, que enviuvou duas vezes, o sexo na terceira idade foi uma redescoberta e um momento de liberdade para experimentar coisas novas: parceiros mais

jovens, fantasias sexuais que não tinham coragem de realizar com os maridos, orgasmos mais frequentes... Fogo é um caso singular: depois de decepções com possíveis pretendentes que lhe ofereciam sexo fora dos padrões mais convencionais, inimagináveis pela sua criação católica, decidiu que não quer mais sair com ninguém, mas para não abrir mão de ter uma vida sexual, comprou um vibrador, e diante de propostas indecorosas, responde com a maior naturalidade em alto e bom som: “ô, meu fio, eu num quero não, ói, já tenho em casa, ó, eu fui no sex shop, já comprei, tenho em casa”.

É claro que aponto para o fato de que estamos lidando com representações, ou seja, com um conjunto de percepções que as mulheres fazem de si mesmas e da sexualidade e, na análise antropológica, mais do que verdades estabelecidas, o que procuramos é justamente isso: como as entrevistadas elaboram representações que dependem de contextos específicos, de subjetividades, de necessidades inerentes a cada entrevistada, ou seja, o que nos interessa é a construção de universos que, embora apoiados no real, não deixam de ser simbólicos.

É interessante que várias mulheres mais velhas façam uso de produtos de *sex shop*. O caminho para chegar aos *sex shops* foi perguntar sobre mudanças hormonais, na esperança de que elas citassem produtos eróticos que facilitassem a relação sexual:

*“Tem um monte de creme, tem um monte de coisa que te faz ficar feliz, você diz, o hormônio, fica mais seco, mas tem um monte de creme... Eu uso! Quer dizer, eu não vou a sex shops, mas o meu marido vai e ele compra, eu não fui ainda, mas é uma coisa que eu vou fazer!”* (Tulipa, 60, Platinum).

*“Ah, com certeza, usaria não, eu uso! Eu uso, porque normalmente, como eu fico sozinha, como é que eu fico nesta parte para me satisfazer, então eu uso, sim, eu faço uso de alguns aparelhos, como vibradores, uso creminhos, muito normal isso para mim, e eu falo numa boa... É muito legal, tem um que é uma borboleta, ele é com controle remoto, eu tenho uma mente muito fértil, então eu fico imaginando eu usando isso, com controle remoto numa reunião [RS]. Ia ser o máximo, ninguém ia entender nada, e do jeito que eu sou, aí, ia ser uma coisa...[RS] Esse negócio é ótimo, e foi depois que eu me separei que eu vim a conhecer o vibrador e estes aparelhinhos, nossa, este não reclama, está sempre de bem com a vida, você não deve nada para ele, você faz o que você quer, quando quer, na hora que quer e isto é tudo de bom!”* (Sol, 62, Cia Athética).

Segundo Bozon (2004, p. 115), atualmente, a expressão cada vez mais aberta da sexualidade na literatura, no cinema e nos meios de comunicação não pode mais ser interpretada como transgressão ou exibicionismo. Diz ele: “À sua maneira, ela contribui para uma redefinição dos significados da sexualidade e dos cenários do desejo aos olhos de todos. A grande novidade é o fim da clandestinidade do erotismo”.

O erotismo é um tema central na minha pesquisa, pois me interessava saber como mulheres mais velhas pensam a relação entre desejo sexual e maturidade e, posteriormente, compreender se a adesão à ginástica e a tratamentos estéticos faziam ou não alguma diferença na sensualidade e sexualidade destas mulheres<sup>5i</sup>.

A pergunta que fiz era bastante aberta: O que é erotismo pra você?

Intuí desde o início – e estava certa – de que seria uma questão difícil, pois mesmo na literatura, acadêmica ou não, as fronteiras entre o erótico e o pornográfico não são claras; imagine para uma geração que cresceu acreditando no amor romântico, que como vimos, abrange o desejo, o ardor, mas também o sublima dentro dos ideais de constituição de uma família, de um roteiro de romance em que o amor, a compreensão, o projeto de vida conjunto contam mais do que a realização das pulsões eróticas. Além disso, como boa parte do universo pesquisado era composta de mulheres evangélicas e católicas, o tema seria controvertido de início.

Bozon (2004, pp. 25-28) afirma que:

Em todas as construções culturais da sexualidade, a prática lícita se distingue de uma prática ilícita ou transgressiva, cujas definições variam. No entanto, há uma constante na qual os limites entre o lícito e o ilícito não coincidem para os homens e para as mulheres (...). As formas de entrada das mulheres na sexualidade revelam certos aspectos fundamentais da construção tradicional da feminilidade, a qual implica fertilidade, pertença da mulher a um único homem (mesmo que um homem possa ter várias mulheres) e ausência de iniciativa em matéria sexual.

O autor também comenta que é impensável identificar um estado “natural” da sexualidade humana porque todas as nossas experiências sexuais são construídas como *scripts*, ou seja,

foram ao mesmo tempo aprendidas, codificadas e inscritas na consciência, estruturadas e elaboradas como relatos. Elas decorrem de aprendizados sociais, que resultam menos da imposição de regras do que da impregnação através de

---

<sup>5</sup> Neste artigo, nos concentraremos apenas no aspecto da sexualidade.

Berger, M. (2012, dezembro). “Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade”: vida sexual na terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(8), pp.127-154. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

múltiplos relatos que implicam uma sucessão de acontecimentos, e de uma interiorização dos modos de funcionamento das instituições (Bozon, 2004, p. 130).

Percebi isso muito claramente nas minhas entrevistadas. Por questões religiosas, geracionais e familiares, muitas têm dificuldade de pensar em *scripts* sexuais que fujam do convencional, embora, obviamente, o significado da palavra “convencional”, ainda mais se tratando de sexualidade, é problemático. O que quero dizer com isso é que muitas dizem que não têm fantasias sexuais, nem gostam de filmes eróticos; no entanto, algumas apontam que as viagens, por ocasionarem uma quebra da rotina, favorecem o sexo, como fica claro na fala de algumas mulheres:

*“Meu marido é... francês, então, francês é ligado em sexo, então ele gosta de fazer amor, de sexo, por ele, ele faria todo o dia [risos], e ele é um marido apaixonado até hoje, sempre diz para mim que eu estou linda, que eu estou ótima... Nós gostamos de viajar, talvez porque nas viagens, você se desliga do dia a dia, da rotina, então você tem uma vida mais como no tempo de namorado... até sexualmente falando, aliás, principalmente, você não tem obrigações, o restaurante está ali, tudo pronto, a pessoa fica mais descontraída, mais entusiasmada sexualmente.”* (Miosóti, 69, Platinum).

Dessa forma, a viagem para outra cidade, estado ou país seria uma “dupla viagem”, um momento de escapar do convencional e resgatar o romance e a sensualidade, como se elas tivessem voltado no tempo, na época da lua de mel, em geral, associada com as viagens.

Outro aspecto interessante, relacionado com a ginástica é o papel da dança do ventre no exercício da sexualidade e do erotismo:

*“Erotismo é tudo que dê prazer. Nós temos banheira em casa, então ou eu ou ele preparamos um banho divino, com velas, essências e nós achamos muito erótico. Como eu já disse, produtos de sex shop ajudam muito a gente, esquentam o clima. E tem a dança, que definitivamente, faz uma diferença. Eu gosto muito de dançar para o meu marido toda a vez que eu danço, a gente acaba fazendo amor...”* (Mar, 69, Cia Athética).

Para Margarida, o erotismo está presente em sua vida, pois ela vive uma grande paixão, e disse-me que, com o novo companheiro, sente vontade de fazer coisas que nunca fez com o marido, é como se ela estivesse vivendo sua própria revolução sexual:

*“Eu gosto de comprar lingerie nova, bonitinha, lingerie sexy, tudo isso eu gosto. De me produzir para ele, para ele! Gosto, gosto muito, tudo se for em nome do prazer, se é assim, eu gosto muito. Criar um clima!”* (Margarida, 66, entrevista avulsa).

Outras mulheres salientam a importância do sexo e do erotismo na vida de pessoas da terceira idade:

*“Ah, é, com certeza minha filha!!! [enfática]. Antigamente não, né, falavam que com 50 anos... mas hoje, principalmente a mulher, hoje em dia, pra te falar a verdade, eu sou melhor sexualmente do que quando eu tinha 25 anos. Porque com certa idade, se você estiver mais amadurecida, você sabe mais, por incrível que pareça, eu sempre fui muito tímida, com a ginástica, então esta coisa de luz acesa, eu não gostava, eu tinha vergonha sabe, mas hoje em dia, eu me solto mais.”* (Estrela, 65, Cia Athética),

*“Olha, outro dia eu fui ao meu ginecologista fazer os exames de praxe, estava saindo de lá um casalsinho, e o meu médico me contou, ‘tá vendo este casal que chegou agora? Ela chegou aqui reclamando que estava com sangramento durante o ato sexual, aí eu pensei, bom com a idade deles, deve ser algo externo, vamos examinar’, quando ele foi examinar, viu que era um ferimento muito profundo, então ele perguntou para ela ‘a senhora tem uma vida sexual muito ativa?’, e ela falou ‘tenho’ e ele perguntou ‘quanto’ ela disse ‘duas vezes por semana, no mínimo’ ‘e pó rque que está tão profundo, o que vocês fazem?’, ela respondeu ‘meu marido toma os remédios dele, nem toma Viagra, que é muito antigo, toma remédios melhores’, então, eles se divertiam muito, com 80 e 85 anos...”* (Fortaleza, 64, Cia Athética).

*“A gente tá com 66 anos, mas ainda faz alguma coisa... As mulheres da minha idade deviam fazer mais coisa, né? Não é porque ficou velha que vai parar. Eu acho que hoje mudou um pouco, sim, porque as mulheres de antigamente eram mais envergonhada, né?”* (Perséfone, 66, Cleusa).

Talvez um caso à parte seja o de Afrodite, que me disse que sempre foi uma pessoa divertida e brincalhona, inclusive quanto à sexualidade. Além de ter um namorado doze anos mais jovem, ela diz flertar com o professor de ginástica do AfroMix, e também com homens mais moços que conhece, organizando viagens, mas segundo ela, tudo na brincadeira:

*“Ah, hoje eu tô sem nada, tô bem simples... [ela estava maquiada, de batom vermelho, com tiara de oncinha, blusa com peles, calça e bolsa combinando, sapato de saltinho] hoje eu tô dona de casa! Interfere, sim, porque eu faço passeios, assim para pesqueiro, hotel-fazenda, e os mocinhos... Eu começo a brincar, e os monitores ficam doidos quando sabem que sou eu que tá indo, eles me dão selinho! O meu namorado nem sabe, ele sabe que eu faço os passeios, mas não sabe que eu sou assanhada!” (Afrodite, 75, AfroMix).*

Ela afirmou diversas vezes na entrevista, e depois em conversas informais, que seu jeito de ser, por vezes, escandaliza as amigas, mas que ela se sente bem assim e que esta forma de levar a vida, sempre arrumada, maquiada e brincando com a sexualidade é o que a faz sentir-se jovem e viva.

Segundo Bozon (2004), o prolongamento da vida sexual até idades mais avançadas corresponde a uma mudança marcante das últimas décadas do século XX e está ligada aos seguintes fatores: à ampliação da expectativa de vida em boa saúde; à melhoria da condição social das pessoas idosas; à difusão do ideal de juventude; à possibilidade de os mais velhos aproveitarem tanto a sociabilidade quanto os lazeres autônomos, não se limitando mais a frequentar a própria família.

Diz ele: “Essa autonomia maior da terceira idade provocou o recuo dos preconceitos tradicionais contra a sexualidade na velhice” (Bozon, 2004, p. 75).

De fato, assistimos a um momento da história em que, por um lado, a sexualidade dos idosos ainda é tabu entre eles e negligenciada na área das ciências sociais, mas que, por outro lado, é incentivada por geriatras, gerontólogos, psicólogos... Parece-me que estamos entre dois estereótipos: de um lado, de acordo com o estereótipo dominante na cultura brasileira parece que a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser “mulher” para ser apenas “velha” (um ser neutro). Em geral, afirma Motta (1998), não nos referimos a uma mulher idosa genericamente como uma “mulher”, mas como uma “velha”. A norma atribui uma imagem positiva e séria às vovozinhas tipo “Dona Benta” e não às namoradeiras; assim, a mulher na velhice é cada vez mais associada à esfera doméstica, familiar, religiosa ou filantrópica. No outro polo, estão os médicos e intelectuais da classe média que apontam o sexo na velhice como normal e mais, essencial para o bem-estar e saúde dos idosos.

Caberia pensar em que medida essa “descoberta da sexualidade” dos idosos não implicaria na constituição de uma rede de poder sobre os idosos, que, como comenta Debert (2009), cria a

imagem de um idoso ideal, e mais, de um idoso responsável por seu envelhecimento positivo, implicando numa reprivatização da velhice.

O ponto que eu quero marcar aqui é que devemos ter cuidado, pois pode estar acontecendo com o sexo na terceira idade o mesmo que aconteceu com a “cultura da malhação e das dietas”: de fato, houve um processo de culto ao corpo na sociedade brasileira que se iniciou por volta de 1990 e que descrevo em detalhes na minha tese de doutorado e em vários artigos. “Malhar”, “Ser magra e definida”, “Ser bela” começou como um direito e se tornou um dever, praticamente uma ética entre as mulheres, principalmente entre aquelas de classe média alta, como as que pesquisei na academia de ginástica “Cia Athética”. Não compartilhar dessa cultura era ser excluída, e não falar de dietas, exercícios, plásticas, era não ter assunto, era estar alienada. Cuidar do corpo trouxe, sem dúvidas, benefícios, mas também gerou uma cultura do corpo alienante e perigosa, que aumentou o índice de distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia. (Ver Berger, 2000; 2007; 2008; 2010).

Não quero com isso negar a existência da sexualidade na terceira idade e nem dizer que as mulheres fingem estar felizes com isso; quero apenas mostrar a força que certos discursos têm, e como estes produzem normatividades.

Em um artigo intitulado “A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis”, Russo (2009) procura discutir dois fenômenos concomitantes: “de um lado, a politização das sexualidades não convencionais e, de outro, a intensa medicalização da sexualidade heterossexual convencional” (Russo, 2009, p. 63).

A autora comenta que é possível falar em primeira e segunda onda da sexologia e que foi a segunda onda que motivou o ressurgimento da sexologia como *scientia sexualis* na primeira metade dos anos 70, bem como do surgimento de um importante documento, produzido por um grupo ligado à Organização Mundial da Saúde, onde aparece pela primeira vez a definição de saúde sexual:

*Sexual health is the integration of somatic, emotional, intellectual, and social aspects of sexual being, in ways that are positively enriching and that enhance personality, communication, and love. Fundamental to this concept are the right to sexual information and right to pleasure. (...) Thus the notion of sexual health implies a positive approach to human sexuality, and the purpose of sexual health care should be the enhancement of life and personal relationships and not merely counseling and care related to procreation or sexuality disease.” (WHO, 1975, p. 41, grifos de Russo, 2009).*

Como podemos perceber, a ênfase recai sobre uma abordagem positiva da sexualidade humana que priorize o prazer e melhore a personalidade, a comunicação e o amor. O que está implícito nesta definição é que a sexualidade e sua prática são fundamentais para o bem-estar e felicidade do indivíduo, fazendo parte de seus direitos fundamentais. Segundo Russo, esse manual “alargou e pavimentou o caminho para a construção médico-psicológica da performance sexual como ideal de saúde e bem-estar”. (Russo, 2009, p. 70).

Na sequência dos acontecimentos, um redimensionamento do campo sexológico vai ocorrer com o lançamento, em 1998, do citrato de sildefanil - comercializado como Viagra e que inaugurou a “terceira onda” sexológica, marcada pela medicamentação da sexualidade. O medicamento passou a ser utilizado tanto em casos de disfunção erétil, quanto por homens que queriam apenas dar um “upgrade” na sua performance sexual, o que levou a autora a considerar que o Viagra foi transformado numa “*life stile drug*” - uma droga do estilo de vida.

As conclusões da autora são de que “ ‘a terceira sexologia’ levou ao extremo a ideia de maximização da performance e do prazer. Do direito de exercer a própria sexualidade, passa-se à obrigação da manutenção da atividade sexual plena” (Russo, 2009, p. 74)

Outro artigo interessante para pensarmos se a sexualidade entre idosos tornou-se um direito ou um dever é o de Mauro Brigeiro, “La gerontología como un saber sobre la sexualidad y las nuevas configuraciones del curso de vida sexual” (2006).

Ele analisa o campo da gerontologia e mostra como ele tem se constituído como novo campo de saber sobre a sexualidade que cria normatividades específicas. Ele afirma que nunca se produziu tantos discursos sobre o sexo na terceira idade. Diz ele:

La premisa aquí es que los discursos de los especialistas han desarrollado socialmente una nueva sensibilidad alrededor de la vejez y del ejercicio sexual, estableciendo y consolidando las bases para el control y normalización de la sexualidad y de la experiencia de envejecimiento. (Brigeiro, 2006, p. 64).

Através da revisão da bibliografia dos gerontólogos sobre sexualidade, no Brasil, na Europa e nos EUA, Brigeiro percebe um discurso que pressupõe um controle sobre o corpo:

Dicha revisión bibliográfica permite identificar a la gerontología como uno más de los saberes de la sexualidad, que como otros, persigue un proyecto de modernidad y un ejercicio de poder sobre los cuerpos. Sin embargo, es necesario considerar que su trascendencia y especificidad están condicionadas a la existencia de un ideário

de modernidad del contexto social en cuestión y a la permeabilidad a esos nuevos dictámenes por la cultura sexual local (Brigeiro, 2006, pp. 64-5).

Ou seja, a gerontologia, por gozar atualmente de um grande reconhecimento social, aparece como uma instância legítima para emitir juízos de verdade sobre o processo de envelhecimento, sobre o que é mais ou menos adequado neste período da vida, abarcando organismos governamentais, agências internacionais, profissionais de diferentes áreas e, inclusive, a própria população de idosos, que podem pautar seu comportamento levando em conta tais discursos. E além de teorizar sobre o envelhecimento em geral, emite juízos de verdade sobre a sexualidade, que orienta médicos, manuais de autoajuda e que tem alcance no senso comum.

Ao analisar e delimitar o campo gerontológico, Brigeiro (2006, p. 68) percebe neste material uma forte referência à sexologia. Diz ele:

Siguiendo una intención primaria de intervención sobre lo sexual, la gerontología propaga la idea sexológica del orgasmo como un deber y un indicador de la salud sexual. Las descripciones y discusiones se basan en una nosografía propia, una etiología de problemas que impiden la experiencia sexual satisfactoria en la vejez (las disfunciones sexuales) y una serie de procedimientos terapéuticos para restablecerlos. En el caso de las personas mayores, la meta, casi siempre, es la de “ampliar al máximo” y “optimizar” el placer y el ejercicio sexual.

Analisando a bibliografia, Brigeiro (2006) diz que a premissa generalizada no conjunto da literatura examinada é que a sexualidade dos idosos é marcada pelo “mito da velhice assexuada”, e o que a gerontologia tenta combater é justamente a ideia de que a sexualidade se extingue com o envelhecimento. Assim, os trabalhos se estruturam a partir deste mito e os autores são unânimes em afirmar que a atividade sexual não se extingue com o passar dos anos, ainda que diminua em frequência. Brigeiro (2006, p. 72) diz que também se observa, na literatura analisada:

la fuerte concepción de plasticidad corporal presente en el tratamiento dado a la sexualidad y a los cambios físicos asociados a la vejez. De forma más o menos explícita, se encuentra una filosofía individualista según la cual la subjetividad, el cuerpo y la vida sexual son dimensiones pasibles de ser remodeladas yajustadas por todos aquellos que así lo quieran.

A literatura consultada por ele também conclui que o universo feminino apresenta menos dificuldade em sua vida sexual, pois a sua sexualidade sempre esteve restrita a partes do corpo:

De acuerdo con los estudios, la actividad sexual femenina depende mucho de la intención masculina: la disminución de la actividad sexual en las mujeres se asocia con la ocurrencia de enfermedades en sus esposos, la indiferencia de éstos y a la alta mortalidad masculina. Los datos sostienen que ellas, además de mostrarse menos interesadas por el sexo, sufrieron una socialización enmarcada en un control más grande, obstáculo para que ejercieran su sexualidad en la vejez (Brigeiro, 2006, p. 74).

De todo o modo, a sexualidade frequentemente é retratada como uma dimensão importante na vida dos idosos como fonte especial de satisfação e bem-estar. Pressupõe-se que, quanto mais os indivíduos foram ativos sexualmente durante toda a vida, mais o são na terceira idade. Brigeiro (2006, p. 76) afirma ainda que:

Aunque los trabajos gerontológicos han incluido gradualmente y aspectos de carácter socio-cultural, siguen fuertemente apoyados en una dimensión física o psíquica de la sexualidad, adoptando una perspectiva tradicionalmente estricta y esencialista, defendiendo una intención de universalizar el fenómeno. La argumentación de la existencia de la sexualidad en la vejez aparece como una confirmación científica para las premisas de la gerontología y la sexología y respalda la actitud intervencionista sobre lo sexual, puesto que se cree haber descubierto nuevos parámetros de evaluación de la normalidad sexual. Es exactamente a partir de esos objetivos de intervención donde encontramos un punto de conexión entre producción gerontológica y sexológica.

A gerontologia, ao assumir o compromisso de promover mudanças no curso da vida de pessoas idosas, forma uma aliança com a sexologia, disciplina esta que intervém sobre o sexual. Dessa maneira, tanto a gerontologia quanto a sexologia pressupõem a universalidade da atividade sexual na velhice. Brigeiro (2006) comenta que estudos quantitativos sobre sexualidade mostram uma correlação entre a atividade sexual e a satisfação da vida em pessoas idosas. Alguns autores (Marsiglio & Donnelly, 1991; Delbès & Gaymu, 1997; Matthias *et al.*, 1997; Beijín, 1997, como citado em Brigeiro, 2006) chegam a tomar como ponto de partida a ideia de que a expressão da sexualidade é uma das partes mais satisfatórias na velhice. Brigeiro (2006) comenta os trabalhos de Debert (1992) que, em sua análise da bibliografia dedicada à experiência do envelhecimento, destacam duas teorias: a da atividade e da desvinculação. A primeira enfatiza que as pessoas mais velhas encontram seu bem-estar através da participação em atividades que compensariam o estigma

de “inativas”. A segunda propõe um distanciamento voluntário, com o passar dos anos, de atividades rotineiras, por causa das limitações físicas e sociais advindas do envelhecimento. Em ambas as teorias, a velhice é vista como perda de uma série de faculdade e possibilidades. Embora o discurso hoje tenha mudado, ele ainda influencia o debate dos gerontólogos, em especial, dos que se dedicam ao tema da sexualidade. A quase totalidade dos trabalhos enfatiza o primeiro viés, num esforço de demonstrar a possibilidade e os benefícios da manutenção da sexualidade numa idade mais avançada.

De todo o modo, o que Brigueiro (2006) quer mostrar é que a gerontologia, aliada à sexualidade, produz um discurso normativo que relaciona “velhice saudável com sexualidade ativa”; ou seu oposto “velhice como um momento de perdas inclusive sexuais”.

O ponto nevrálgico é que o mesmo fenômeno, chamado por Debert de “reprivatização da velhice” ocorre com a sexualidade: a população idosa tem que refletir (lembramos aqui das ideias de Giddens (1993) sobre o projeto reflexivo do eu) e readequar suas crenças e depois suas posturas diante do sexo. As pessoas são incitadas a ter uma responsabilidade individual por um bom ou mau envelhecimento, por uma responsabilidade ou irresponsabilidade no trato de si mesma. Brigueiro (2006) finaliza:

A través de estos discursos opera un nuevo esquema del curso de la vida sexual. Según nos hacen ver los especialistas, no hay motivos para creer que la carrera sexual de un individuo encuentre su fin en la vejez. La nueva propuesta es que la sexualidad sea factible durante toda la vida. Coinciden ahí el curso de la vida y el curso de la vida sexual, que solo terminan con la muerte. Esta nueva configuración presenta importantes repercusiones en la idea de normalidad y anormalidad del curso de la vida sexual. Se asiste paulatinamente a la construcción de un nuevo imperativo acerca de la sexualidad: que debe mantenerse activa y que no encuentra límites con el avance de la edad. En este sentido, la inversión gerontológica sobre la sexualidad representa una paradoja. Tradicionalmente, este campo se caracteriza por su labor en contra del estigma asociado a la experiencia de la vejez. Por medio de la legitimidad de los nuevos parámetros de la vida sexual, son establecidos también nuevos criterios de anormalidad cuando no se cumple con dichas expectativas, y lo que antiguamente podría tener un significado negativo, pero esperado según la edad, hoy pasa a representar un signo de descuido. No vivir una sexualidad plena en la vejez es un problema, una disfunción. La solución es la búsqueda de un especialista habilitado para re-instaurarla o liberarla de la represión.” (Brigueiro, 2006, p. 84).

Devemos ter cuidado e levar em conta o célebre ditado: “Não jogar o bebê com a água do banho”. Meus interesses eram perceber como a sexualidade se colocava para mulheres mais velhas, justamente pela falta de trabalhos brasileiros sobre esta temática na área de antropologia. Descobri que a sexualidade estava muito mais presente do que eu imaginava. Não pretendo, portanto, ainda mais em função dos dados empíricos, questionar a existência de vida sexual saudável e desejável na terceira idade. Mas o desejável diz tudo: desejo de ter sexo é muito diferente da obrigação de fazê-lo, que vem no bojo dos discursos normativos.

Ainda que parte das mulheres tenha incorporado os discursos normativos sobre sexualidade, o que importa, para mim, é o quão satisfeitas com isso elas estão. Todos nós, sem exceção, incorporamos discursos normativos e os naturalizamos; fazemos isso em vários momentos da vida, pois de um modo ou de outro, apesar de termos a opção para escolher entre os discursos, não temos, por uma questão de sociabilidade, a opção de não escolher nenhum discurso.

Esses discursos sobre sexualidade, poder, alimentação, estilo de vida, beleza vão se tornando “nossas” representações, e é atrás das representações de minhas mulheres sobre sua sexualidade que eu construo este meu percurso.

Finalizando, há beleza na terceira idade. Ser bela na terceira idade é aceitar que o envelhecimento faz parte da vida, mas é apenas um pano de fundo sobre o qual se vive a vida com alegria. É cultivar ao mesmo tempo uma profunda alegria em estar viva e uma serenidade para aceitar as transformações. Ser bela na terceira idade é poder fazer amor e sexo, é descobrir sex shops depois dos sessenta anos, é ter orgasmos, é ter um namorado, um amante ou um marido e manter a chama acesa. Ser bela na terceira idade é também estar casada, mas poder optar por não ter mais sexo, sem deixar, no entanto, de ter sexualidade. Ser bela na terceira idade é aceitar a viuvez e o fim da atividade sexual sem que o mundo desabe por isso, pois é possível encontrar prazer de outras formas, através de outras lentes. Ser bela na terceira idade é **querer** fazer amor e sexo, e não apenas ser compelida a fazê-lo porque a mídia ou quem quer que seja tenha definido que isso é o ingrediente fundamental de uma boa velhice. Ser bela na terceira idade é procurar os ingredientes de suas próprias receitas de envelhecimento saudável. É isso que cada uma de minhas entrevistadas *está fazendo, e é a elas a quem dedico este artigo.*

---

## Referências

Alves, A.M. (2004). *A dama e o cavalheiro*. Rio de Janeiro (RJ): FGV.

- 
- Barros, M.L.de. (2006). Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Velhice ou terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro (RJ): Editora FGV.
- Berger, M. (2000). *Corpo e Identidade Feminina*. Tese de doutorado. PPGAS, FFLCH, USP.
- \_\_\_\_\_. (2007). As chaves do templo. In: *Revista eletrônica Ponto Urbe*, 2. NAU/USP.
- \_\_\_\_\_. (2008). O Corpo Massacrado: Os Distúrbios Alimentares. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(23).
- \_\_\_\_\_. (2010). Felicidade é entrar num vestido P: o culto ao corpo na religião do indivíduo. *Cadernos de campo*.
- Bozon, M. (2004). *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro (RJ): FGV.
- Brigeiro, M.M.C. (2006). La Gerontología como un saber sobre la sexualidad y las nuevas configuraciones del curso de vida sexual. In: Viveros Vigoya, M. (Org.). *Saberes, culturas y derechos sexuales en Colombia*, pp. 63-86. Bogotá (Colombia): Universidad Nacional de Colombia, Tercer Mundo, CLAM.
- Debert, G.G. (1999). *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo (SP): EDUSP.
- \_\_\_\_\_. (2009). *Projeto Temático "Velhice, Violência e Sexualidade"*. FAPESP (xerox).
- Foucault, M. (1990). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro (RJ): Edições Graal.
- \_\_\_\_\_. (1999). *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro (RJ): Edições Graal.
- Giddens, A. (1993). *As transformações da Intimidade*. São Paulo (SP): Editora da UNESP.
- Motta, F.M. (1998). *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul (SC): Edunisc.
- Oliveira, R.C. de. (1976). *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo (SP): Pioneira.
- Russo, J. (2009). A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis. In: Velho, G. & Duarte, L. F.D. (Orgs.). *Gerações, Família, Sexualidade*. Rio de Janeiro (RJ): 7 Letras.

Recebido em 20/11/2012

Aceito em 30/12/2012

---

**Mirela Berger** - Antropóloga, Pesquisadora e Docente, IFCH-UNICAMP. Pós-Doutorado em Antropologia pela FAPESP, com supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Guita Grin Debert.

Email: mirelaberger@gmail.com